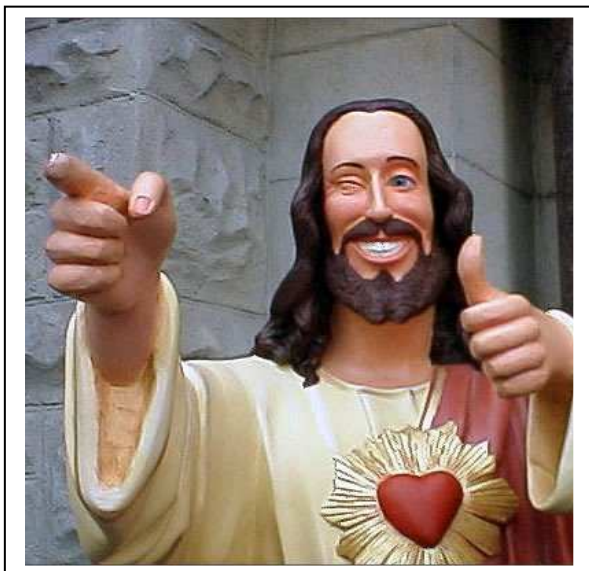


“JESUS ‘EVANGÉLICO’” VERSUS “JESUS DO EVANGELHO”



A relativização da ideologia cristã no período da pós-modernidade.

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação.” (Tiago 1:17)

“[Jesus disse:] O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.” (Mateus 24:35)

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente.” (Hebreus 13:8)

A pós-modernidade é a condição sócio-cultural e estética que prevalece desde a queda do Muro de Berlim e a conseqüente crise das ideologias que dominaram o século XX. A pós-modernidade faz

uma crítica dos pilares fundamentais da modernidade (como a crença na verdade e na linearidade histórica) e propõe novos valores menos fechados e categorizantes na nossa forma de pensar¹. E tudo isso graças ao relativismo.

O relativismo é uma doutrina que prega que algo é relativo, contrário de uma idéia absoluta, categórica. É uma atitude ou doutrina que afirma que as verdades (morais, religiosas, políticas, científicas etc.) variam conforme a época, o lugar, o grupo social e os indivíduos de cada lugar. O relativismo leva em consideração diversos tipos de análise, absurdas ou não, colocando-as em igualdade de veracidade – mesmo sendo análises aparentemente contraditórias. Assim podemos concluir que o relativismo é um termo filosófico que se baseia na relatividade do conhecimento e repudia qualquer verdade ou valor absoluto. Todo ponto de vista é válido².

Todos nós, seres humanos, somos idiossincráticos³. Isso faz com que nos tornemos produtos do meio social, cultural e filosófico em que vivemos. Em nosso contexto evangélico/eclesiástico os resultados são os mesmos. O relativismo está impregnado no meio evangélico. As verdades contidas na Bíblia, outrora absolutas, agora são relativizadas e adaptadas conforme a vontade subjetiva dos seus leitores/intérpretes. Hoje os textos sagrados se tornam naquilo que o leitor/intérprete deseja que eles

¹ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>

² Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Relativismo>

³ **Idiossincrasia.** Predisposição particular do organismo que faz que um indivíduo reaja de maneira pessoal à influência de agentes exteriores. É o temperamento especial de cada indivíduo – relativamente à influência que nele exerce o que lhe é alheio. (Dicionário Houaiss)



sejam. Os princípios da exegese e de uma boa hermenêutica são postos de lado e o que impera é a “lei” do subjetivismo.

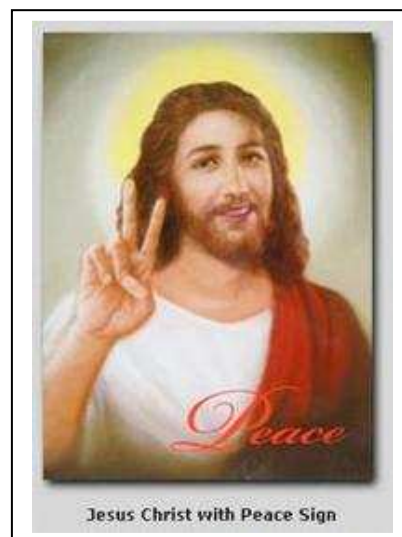
A ortodoxia⁴ protestante se tornou alvo cada vez mais frequente dos ataques do liberalismo teológico⁵.

Muitos defensores da corrente de pensamento liberal acreditam que, uma vez que a composição da Bíblia ocorreu em um tempo e contexto diferente do atual, as Sagradas Escrituras não representam mais a verdade absoluta (cf. Salmo 119:160; João 17:17), mas, sim, a verdade “em partes”. Alguns extrapolam tanto em suas lucubrações que chegam ao ponto de afirmar que o conteúdo da

Bíblia é uma das verdades existentes. Isso porque o livro sagrado adotado pelos cristãos é, na visão deles, uma obra incompleta. Ela não possui todas as respostas para os questionamentos da atualidade. Sendo assim, a relevação de Deus continua em trânsito.

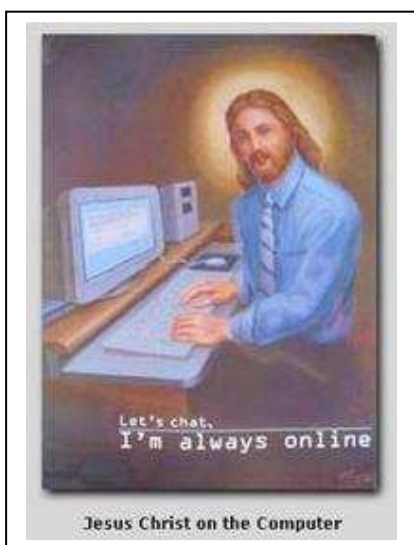
Quais são os resultados, no meio evangélico, daquilo que muitos chamam de “revolução do pensamento”? Os mais desastrosos possíveis. É cada vez mais corriqueiro nos depararmos com pessoas (principalmente as mais jovens), que se dizem cristãs, mas que são a favor do aborto como forma de controle de natalidade. É cada vez maior o número de evangélicos que lutam pela legalização das drogas e pelo fim do combate ao homossexualismo. Com a falácia de que todos os pecados são iguais^(*) perante Deus (isto é, não existem pecadinhos ou pecadões), os cristãos “pós-modernos” minimizam os efeitos causados pelo genocídio fetal, pela depravação moral e, por que não, pela prática de sexo fora do casamento. Afinal, segundo o conceito relativista da pós-modernidade, tudo depende do ponto de vista de quem faz uma análise ou observação. Com isso, é cada vez maior o número daqueles que se dizem cristãos, mas que fazem vistas grossas para certos tipos de pecado.

Principalmente no meio da juventude evangélica, há diferentes padrões de comportamento. Uns fumam escondidos ou descaradamente até desenvolverem algum tipo de câncer, enquanto outros comem doces e chocolates até desenvolverem diabetes. Uns bebem vodka até entrarem em coma alcoólico, enquanto outros bebem café e coca-cola até contraírem



⁴ Doutrina ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro pela Igreja. (Dicionário Houaiss)

⁵ Movimento teológico que não reconhece a autoridade final da Bíblia em termos de fé, estabelecendo uma mescla da doutrina bíblica com a filosofia e as ciências da religião. Na teologia liberal, experiência individual vale mais que a revelação escrita. (Wikipédia)



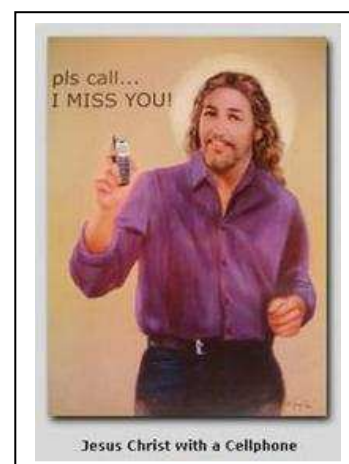
uma úlcera gástrica. Uns transam antes do casamento, enquanto outros adulteram durante o casamento. Uns vão escondidos ou não aos barzinhos da vida, enquanto outros levam engradados de cerveja para casa. São diferentes pessoas com diferentes condutas. Mas, quando chega o domingo, todas elas se juntam e, na coletividade, agem como se fossem cristãos que cultivassem atitudes dignas de uma beatificação.

Mas será que os conceitos pós-modernos que temos, e os padrões de comportamento que cultivamos, seriam os mesmos adotados por Jesus, caso ele estivesse fisicamente presente na terra, em nossos dias?

Em nome de uma pseudo “contextualização” do Evangelho, muitos “teólogos” amadores acabam por deformar os princípios inerentes do Evangelho de Cristo. Na pós-modernidade, a maioria dos que se dizem “pensadores” cristãos, através de ideologias e posicionamentos difusos, acabam por desprezar o árduo trabalho dos teólogos ortodoxos e a ignorar toda a relevância dos mais de dois mil anos de tradição cristã. Como consequência disso, muitos desses “intelectuais” assumem em parte o papel do personagem Victor Frankenstein⁶, de autoria de Mary Shelley (1797-1851). Eles “criam” um Jesus “evangélico” (ou seria “Gezuiz”?) que em nada tem a ver com o Jesus do Evangelho.

Lançando mão de uma eisege⁷ tendenciosa, cristãos com conceitos relativistas, desfiguram o sentido primário das passagens bíblicas de forma que elas digam apenas o que eles creem. Além disso, a maioria dos cristãos relativistas se mostra indisposta quando refutada. Quando dizemos a cerca de algum texto bíblico: “A Palavra de Deus afirma que...”, logo ouvimos como resposta: “*Quem disse que essa ‘palavra’ é mesmo de Deus e a que a informação contida nela é verdadeira? Tudo dependerá do nosso ponto de vista! Não podemos mais abraçar conceitos oriundos da ‘idade da pedra’*”.

Tudo o que foi exposto até aqui contribui para a geração de uma tensão entre o Jesus “evangélico” e o Jesus do Evangelho. A quem seguimos? Seguimos Jesus? Ou



⁶ Conto fantástico em que um cientista, Victor Frankenstein, é tomado pela ânsia de alcançar a glória através da ciência. Estudante de ciências naturais, Frankenstein constrói um monstro em seu laboratório. Para isso ele utiliza partes de diversos seres humanos mortos.

⁷ Do grego εἰσεγεσθαι (*eisegeesthai* = explicar para dentro). Significa, literalmente, introduzir (inferência) em um texto alguma coisa que alguém deseja que esteja ali, mas que na verdade não faz parte do mesmo. É uma forma de encontrar na Bíblia uma prova de alguma crença que já possuíamos anteriormente. Significa distorcer um texto para adaptá-lo às próprias ideias do intérprete (Dicionário Vine).

(*) A FALSA IDEIA DA HOMOGENEIDADE DOS PECADOS COMETIDOS PELA HUMANIDADE

Em termos legais, todos os pecados são iguais (cf. Gênesis 2:17; Romanos 5:16). Por outro lado, alguns pecados são piores do que outros, pois trazem conseqüências mais danosas para nós, os outros, afetando também nossa relação com Deus (cf. Ezequiel 8:6, 13, 15; João 19:11). A Bíblia faz diferença entre pecados por ignorância e pecados intencionais (cf. Levítico 4.13, 22; 5:17; Números 15.27-30). Veja ainda Lucas 12:48 e Tiago 3:1.

No Antigo Testamento, Deus estabeleceu várias penalidades civis contra diferentes crimes. Algumas penalidades são mais pesadas ou leves dependendo do erro ou do crime. Assim, vê-se que o próprio Deus colocou diferenças na maneira de lidar com o pecado aqui na terra.

Para o pastor batista Luiz Sayão, *“uma tradição evangélica, que assusta até descrentes, é que para Deus ‘não há pecadinho nem pecadão’. Todos os pecados são iguais para Deus! É possível imaginar que um canibal e um pedófilo assassino sejam equiparados a quem não ora sem cessar (cf. 1 Tessalonicenses 5:17)? É absurdo! É provável que a má interpretação tenha surgido de Tiago 2:10, que afirma que ‘quem tropeça num só ponto da lei é culpado de todos’. Na verdade, o texto apenas nos mostra que apenas um pecado é suficiente para nos deixar numa condição de pecadores perante Deus. Como Deus é santo, um simples pecado nos classifica como condenáveis. No entanto, isso não quer dizer que todos os pecados são iguais. Em João 19:11, Jesus diz a Pilatos que aquele que o havia entregado a Pilatos tinha ‘maior pecado’. O texto é explícito! A própria Bíblia faz diferença entre pecado e abominação (algo detestável, repugnante), como vemos em Levítico 18:22”, (Fonte: <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=74&materia=862>). Veja também: Marcos 6:11 e Lucas 20:47.*

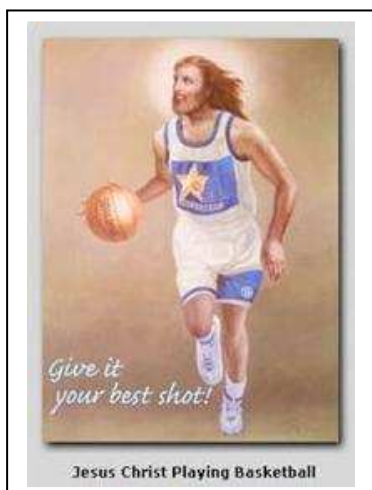
Embora a essência de todos os pecados seja sempre a mesma (alienação de Deus), existem algumas realidades que nos impedem de aceitar a teoria de que todos os pecados são iguais aos olhos de Deus. Uma delas é o processo pelo qual a tentação se transforma em pecado. Esse processo é geralmente composto pelos seguintes estágios: atenção, consideração, desejo, decisão, planejamento e ação. Uma vez que o grau de envolvimento nesse processo pode variar de intensidade, não podemos afirmar que o pecado de alguém que teve apenas um desejo pecaminoso momentâneo, seja tão ofensivo a Deus como o pecado premeditado de Davi com Bate-Seba (ver 2 Samuel 11).

Que Deus não considera todos os pecados iguais é evidente também no fato de o próprio Deus haver prescrito diferentes sacrifícios no Antigo Testamento para a expiação dos diferentes pecados (cf. Levítico 1 a 7). Além disso, se todos os pecados fossem iguais, como querem alguns, por que deveriam os ímpios ser punidos no juízo final, “segundo as suas obras” (cf. Apocalipse 20:11-13)? Por que alguns haveriam de ser castigados, naquele juízo, “com muitos açoites” e outros com “poucos açoites” (cf. Lucas 12:47-48)? Se os pecados fossem iguais, não receberiam todos o mesmo castigo?

Mas a despeito dos pecados serem distintos entre si, todos eles refletem a mesma essência maligna da alienação de Deus. Isso significa que, por mais insignificante que determinado pecado possa parecer, ele é suficientemente ofensivo para afastar o pecador da comunhão dele com Deus.

seguimos “Gezuiz”? Onde temos lançado os alicerces da nossa fé? Quais são as reações de Deus diante do nosso comportamento no dia-a-dia e perante a nossa forma subjetiva de pensar? Essas são questões cruciais e que precisam ser respondida por cada um de nós.

Precisamos resgatar o tempo em que, conversão do nosso coração a Jesus, implicava uma mudança de comportamento em relação aos nossos atos. Era uma época onde os cristãos eram mais obedientes aos



ensinamentos pastorais e buscavam obter maior conhecimento para transmitir as “Boas Novas” experimentadas por eles para outras pessoas. Uma saudosa época onde deixávamos de fazer o que estava errado simplesmente por temor e reverência ao Senhor. Sentíamos-nos constrangidos quando pecávamos. Havia uma mudança até mesmo em nossa maneira de falar, de se expressar.

Nas duas décadas passadas, era comum fazermos parte de grupos de cristãos que buscavam estudar a Palavra de Deus com afinco. Havia vários grupos familiares de oração e estreitamento no relacionamento com Deus. Até a postura dos mesmos no momento

de ofertar recursos materiais era diferente. Os dízimos não eram entregues por obrigação, mas, sim, por amor e gratidão. Até então era legítimo o rótulo de “cristãos” que os evangélicos ostentavam.

Hoje os tempos são outros. E a conduta dos evangélicos contemporâneos também. É cada vez maior o número dos que, se dizem evangélicos, mas estão totalmente envolvidos com as propostas sedutoras deste mundo. Nos dias atuais, as igrejas quase não têm moral para mudar a vida de alguém. Ele tem se tornado religiosa, colocando os ensinamentos de Cristo bem longe do desejado por Ele.

A massa evangélica vive de intrigas e interesses pessoais, não havendo mais o interesse de fazer algo em prol do Evangelho. Ela não está mais interessada em orar, perseguir a santidade. Hoje a moda é dizer: *“para que orar se Deus já sabe de todas as coisas?”*.

Infelizmente a crueldade do mundo invadiu as igrejas (que por muitas vezes se revela pior do que pode ser observado fora dela). É “irmão” fazendo mal para outro irmão, querendo que esse irmão literalmente se dê mal. São irmãos maldizentes, fofoqueiros, encrenqueiros, enfim...

A figura do pastor hoje dificilmente é vista como a de um homem de Deus, que cuida de suas ovelhas. O que vemos hoje são homens que possuem um título, mas que se esqueceram da missão a eles confiada. A maioria deles têm buscado apenas os próprios interesses.

Os membros das igrejas têm perdido, aos poucos, a sua liberdade de expressão. Somos obrigados a vivermos envoltos numa máscara. As pessoas não podem demonstrar seus reais sentimentos. Chorar ou ajoelhar-se perante Deus é uma atitude discriminada. Não são vistos com bons olhos os pastores que fazem apela para que as pessoas venham a frente, como sinal de uma mudança de atitude. Nos cultos, todos os presentes devem se mostrar intocáveis. Em muitos lugares não é permitido demonstrar fraqueza, medos e temores. A realidade e as intenções dos departamentos das igrejas também mudaram. Os louvores não são mais escolhidos para agradar a Deus, mas a si próprios. Não há mais respeito pela diferença de gerações, havendo apenas brigas para provar quem é o mais forte. A cada dia se fortalece a dúvida: quem nós servimos? Jesus do Evangelho ou “Gezuiz” dos evangélicos?